

AMÉRICA LATINA, CIDADANIA COMUNICATIVA E SUBJETIVIDADES EM TRANSFORMAÇÃO: configurações transformadoras em uma época de passagem.¹

A .Efendy Maldonado G²
PPGCC-UNISINOS

RESUMO

O texto aborda o processo de transformações socioculturais no âmbito latino-americano das duas últimas décadas. Apresenta as reestruturações estratégicas da nova ordem política da região. Descreve os processos comunicacionais inovadores de caráter macro configurados na TeleSUR e na TAL- Televisión América Latina. Propõe interpretações críticas desses processos na perspectiva da compreensão empírica das mudanças sociocomunicativas, na conjuntura de passagem de uma realidade de subserviência neocolonial para uma de constituição de autonomias, fortalecedores de governabilidades independentes e colaborativas. Na dimensão teórica propõe-se uma reflexão sobre a necessidade de estruturação dos conceitos de *movimentos sociocomunicacionais* e *sujeitos comunicantes* para as linhas de pensamento e pesquisa que trabalham as relações comunicação, cidadania, tecnologias e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina, cidadania comunicativa, movimentos sociocomunicacionais e sujeitos comunicantes.

Reestruturações estratégicas

América Latina na segunda década do século XXI continua mostrando um dinamismo singular na renovação social, cultural e política. A fundação da Comunidade de Estados Latino-americanos e do Caribe (CELAC), em dezembro de 2011, deu continuidade ao processo de fortalecimento da UNASUR (União de Nações de América do Sul) e do MERCOSUR. Esses arranjos multinacionais constituem premissas necessárias para desenvolver as relações entre os países da região fora dos esquemas de protetorado e neocolonialismo (OEA; ALCA), desenhados pela hegemonia estadunidense no século XX (MATTELART, 2008). Na atual conjuntura de transformações os principais programas, estratégias, orientações e projetos são definidos, e realizados, a partir dos foros latino-americanos (UNASUR, MERCOSUL, CELAC). Entre 2010 e 2012 esse processo foi qualificado mediante a inter-relação entre governos democráticos, independentemente de sua identidade política em cada país, nesse sentido são ilustrativos os casos dos presidentes

¹ Trabalho apresentado no DT Mídia, cultura e tecnologias digitais na América Latina, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular/Pesquisador PPGCC-UNISINOS. Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Pós-Doutor em Comunicação (UAB-Barcelona). Coordenador da Rede AMLAT (UNC-Córdoba; UNESR, Caracas, UCE, Quito; UFPB; UFRN; UFSC, IELUSC). Autor-Editor de obras de referência sobre América Latina, metodologias, teorias, epistemologia.

Santos (Colômbia) e Pinheira (Chile) que demonstram como a direita constitucionalista compreendeu a importância da autonomia e da cooperação latino-americana, que foi estruturada inicialmente a partir dos governos democráticos de esquerda desde 1999. Essa gestão intergovernamental na América do Sul, cidadania política concreta, exercida em termos macroestruturais pelos estados é um sintoma do processo de maturação política que as classes, em especial as populares e as elites renovadoras, construíram na confrontação aos modelos de governo tradicionais.

A *democracia restrita* desenhada pelos tecnocratas neoliberais no período posterior às ditaduras fracassou na América Latina, e continua produzindo graves estragos no México (NAFTA, massacres, genocídio, corrupção), na Colômbia (guerra: quatro milhões e meio de refugiados: recorde mundial, massacres, desaparecidos), em Honduras (violência extrema, autoritarismo, corrupção, repressão), na Guatemala (massacres, racismo, segregação), no Paraguai (narcotráfico, autoritarismo, corrupção). Não obstante a gravidade dessas situações, as configurações cidadãs e políticas contemporâneas possibilitam exercícios, vivências e pensamentos de cidadania fortalecidos para enfrentar essas realidades, tanto nos países em estágios mais críticos quanto em aqueles que essas situações persistem, mas tem políticas e estruturas de democratização que confrontam os modelos tradicionais das oligarquias e da cultura da morte.

A realidade histórica contemporânea mostra que os afazeres de cidadania política de maior relevância foram suscitados e estruturados por meio de projetos de democratização que superaram o modelo promovido pelo FMI, BM, desmistificando sua retórica perversa e definindo políticas sociais em benefício das classes e etnias em situação de extrema pobreza.

Os exemplos dos processos da Venezuela, do Brasil, da Argentina, do Equador e da Bolívia comprovam que o distanciamento e a superação da subserviência tradicional das elites latino-americanas dos grupos de poder estadunidenses são salutares para as economias, e beneficia o conjunto das sociedades.

A diferença substancial em relação ao século XX é que antes a contradição principal se definia em termos cartesianos, como um esquema simples de negação da complexidade, marcado por receitas conservadoras, e também críticas, que não conseguiam uma participação democrática da grande maioria dos cidadãos. Durante quase dois séculos as oligarquias nacionais mantiveram sua hegemonia, e a intensa exploração do trabalho, mediante o recurso às ditaduras e a regimes legais autoritários. Nessa longa trajetória de

estruturação de nossas formações sociais os setores críticos desenharam programas de transformação maximalistas, com escasso apoio dos cidadãos e das classes subalternas. Passado mais de um século de revoluções, contrarrevoluções, golpes de estado, genocídios, autoritarismos, ditaduras, democracias restritas e regimes neoliberais é possível afirmar (a partir da pesquisa real, concreta, amadurecida dos processos) que América Latina caminha pouco a pouco, porém de modo esclarecido, forte e transformador na perspectiva da construção de estruturas cada vez mais democráticas, comprometidas com o social, com os povos, com a justiça e a valorização regional. Esse processo tem sido *transclassista*, multiétnico, internacionalista, transdisciplinar e *pluriestratégico*. Dado que os desafios, as demandas, as exigências, a diversidade, o movimento, as configurações e as intensidades exigiam mudanças imediatas dos esquemas vigentes até a década de 1990. As configurações políticas atuais, se bem matem boa parte das estruturas liberais, geram possibilidades de transformação expressivas. Nessa perspectiva são esclarecedores os processos de participação cidadã nos programas de reestruturação política e social e social na América do Sul.

Para *Nossa América* a mudança de século não foi um evento formal; de fato, aconteceram simultaneamente crises profundas dos sistemas políticos na Argentina, na Venezuela, no Equador e na Bolívia, que encontraram e configuraram forças cidadãs de significativo poder de transformação, mostrando esclarecimento estratégico em relação aos interesses comuns da região em vários sentidos: a necessidade de independência econômica (definindo planos de acordo com a sua realidade); a necessidade de governos em cooperação estratégica; a necessidade de intercâmbios intensos de caráter cultural e social; a necessidade de justiça, democracia, transparência, qualidade produtiva e respeito pelas pessoas; a necessidade vital de abandonar as estratégias de concentração de riqueza, devastação dos recursos naturais, exploração do trabalho, cultura da violência e dos privilégios fomentada pelas oligarquias nacionais em aliança com o poder hegemônico transnacional.

Do outro lado temos a México, membro do NAFTA (Tratado norte-americano de livre comércio) com EUA e Canadá, que alcançou em 2012 o maior índice de pobreza de sua história moderna com 46% de pessoas nessa condição, em simultâneo com os 69 bilhões de dólares de Carlos Slim (o homem mais rico do mundo, segundo a revista Forbes (www.forbes.com/billionaires/list)). A perversidade desse modelo manifesta-se, também, nos 50 mil mortos como resultado da “democracia” do governo pró-estadunidense do PAN, a

retórica neoliberal dos conservadores mexicanos concretizou-se em massacres, assassinatos de jornalistas e mulheres, autoritarismo e corrupção(http://exwebserv.telesurtv.net/secciones/afondo/especiales/Mexico_Decide_2012).

Na América Central Guatemala, Honduras e El Salvador apresentam indicadores de violência extrema, situando-se entre as sociedades mais perigosas para viver do mundo. Constata-se, tanto no México quanto nos países mencionados, uma forte relação entre violência e narcotráfico, este arquitetado principalmente nos Estados Unidos, país que gera a maior demanda de drogas no mundo, tendo um mercado forte de consumo de estupefacientes, organizado sistematicamente mediante a corrupção de autoridades e organismos de repressão. Desse modo, existe um conjunto de centenas de milhares de pessoas nos EUA que usufruem das substâncias psicotrópicas e, paralelamente, um conjunto de centenas de milhares de latino-americanos que morrem, desaparecem, são torturados e explorados para satisfazer o holding das empresas estadunidenses que controlam o mercado mundial de drogas.

Em essa realidade latino-americana complexa, contraditória e conflitante vai estruturando-se na América do Sul uma nova ordem democrática através da UNASUR e o MERCOSUR, como eixos de articulação que ensaiam novos comportamentos de cooperação governamental, novas estratégias de inter-relação política, novas realidades de cooperação, novos ordenamentos jurídicos de respeito dos direitos básicos dos cidadãos latino-americanos. No âmbito macroestrutural é possível dizer que estão realizando-se reformas necessárias para estabelecer as bases de uma União cooperativa entre os estados latino-americanos. O velho recurso romano de dividir para reinar foi profundamente abalado na última década; as principais estratégias norte-americanas de controle e submissão da região perderam força (ALCA; FMI; BID; TRIAR). Na atual conjuntura as estratégias econômicas de sucesso na América Latina orientam-se para a diversificação de mercados, que dá importância às relações Sul/Sul, países emergentes/ América Latina, Oriente Médio e nossa região. A extrema dependência da economia estadunidense, vigente até finais do século passado, vai sendo superada seguindo os exemplos da Venezuela, da Argentina, da Bolívia, do Equador, do Uruguai e do Brasil.

Esses rearranjos das estruturas políticas, sociais e econômicas estabelecem mudanças significativas na dimensão sociocultural e política, quebrando a estreita concepção de *cidadão* como equivalente a membro com direitos jurídicos de um só

Estado/nação. Sem deixar de atacar as condições de segregação, exclusão e exploração em que vivem milhões de latino-americanos, que precisam construir *cidadanias nacionais* como passo imprescindível para ter uma *cidadania cosmopolita latino-americana*; hoje, é crucial a combinação de estratégias regionais (UNASUR) com democratização interna. A retórica liberal de estados separados, que esteve vigente na região desde a primeira metade do século XIX, mostrou-se funcional e benéfica para as oligarquias e para o império e desastrosa para a grande maioria dos latino-americanos. Isso América Latina aprendeu na última década, depois de quase dois séculos de existência separatista, está retomando a construção de uma Unidade real, com força, racionalidade renovadora, premissas democráticas e perspectivas de gestão própria mediante a construção da UNASUR e da CELAC.

As processualidades comunicativas

Os seres humanos distinguem-se como espécie, entre outras características cruciais, pela capacidade de construir sistemas sofisticados de comunicação. Não teríamos alcançado nossa condição *sapiens* sem fabricar as linguagens articuladas, socioculturais, que fizeram possíveis economias de intercâmbio simbólico inimagináveis sem esse recurso. A dimensão comunicativa atravessa nossas estruturas básicas genéticas (nossa estrutura biológica traz um programa configurado para potencialmente aprender qualquer linguagem articulada) e nossa estruturação sociocultural. Os signos são conjuntos culturais que nos permitem organizar sociedades, produzir conhecimento, inventar artes, estabelecer relações amorosas, formular estratégias, inventar mundos artificiais e sobreviver.

No mundo sociopolítico contemporâneo, marcado pela hegemonia do modelo liberal representativo, a *comunicação* alcançou níveis de sofisticação tecnológica, penetração social, organização sistêmica e poder simbólico singular (MATTELART, 2008). Os sistemas midiáticos, já no século XX, estabeleceram conjuntos de redes de funcionamento, penetração e divulgação que midiaticizaram as sociedades modernas de maneira intensiva, enquadrando os hábitos sociais cotidianos em agendas midiáticas programadas que condicionaram (e orientam) significativamente os costumes, valores, posicionamentos, ideologias, gostos, imaginários e sensibilidades dos cidadãos. Estabeleceu-se assim uma hegemonia simbólica concreta, que os ordenamentos liberais transformaram em *modelo*

único, estabelecendo os sistemas de meios de comunicação comercial como os únicos legítimos e com direitos a usufruir dos benefícios econômicos da ordem liberal (publicidade empresarial; propaganda governamental e partidária); simultaneamente, excluindo repressivamente outras possibilidades processuais de geração de comunicação (caso gravíssimo das rádios comunitárias, por exemplo).

O fato histórico é que, não obstante todas as legislações repressivas, na América Latina e no Brasil constituíram-se redes de comunicação popular e alternativa que acompanharam os processos de democratização, emancipação, liberação e transformação nas suas diversas realizações. A riqueza cultural e o compromisso ético desses movimentos geraram um conjunto de produções teóricas relevantes que fundamentaram, legitimaram e posicionaram a *comunicação em termos de processos múltiplos*, como um direito humano básico.

Essa história de luta comunicativa teve continuidade na última década em várias frentes, para o propósito de este texto apontam-se duas vertentes gerais que são renovadoras dos afazeres comunicativas (MALDONADO, 2012). Em primeiro lugar a constituição de sistemas *multimídia* de cooperação entre estados, em especial o caso *TeleSUR*³(STRASSBURGER, 2012), que fez realidade um projeto de mídia latino-americana de cobertura internacional, mediante a cooperação de Uruguai, Venezuela, Cuba, Equador; se bem a base central e o apoio substancial é da Venezuela, as premissas, a abertura, a configuração programática, a participação de profissionais e programas, a concepção e a realidade comunicada é principalmente latino-americana. América Latina é o foco central, as referências, os produtores, os colaboradores a vida enunciada, representada, expressada. Em termos de posicionamento e identidades, não é uma América Latina vista sob o olhar do poder hegemônico estadunidense; pelo contrário, é uma região mostrada na sua diversidade, nas suas culturas populares, regionais, étnicas e múltiplas (não só a cultura mercadológica, empresarial e modo de vida liberal burguês).

Não obstante manter modos e formatos de produção “ocidentais”, a *TeleSUR* combina esses formatos com modos renovadores de gerar informação, comunicação e conhecimento. Nesse sentido, as reformulações realizadas em 2012 que revitalizam a diversidade expressiva, os estilos, as formas, as musicalidades, os desenhos e as vivências latino-americanas são apreciáveis. Quebrou-se, em boa parte, o formalismo midiático inserindo recursos multimídia na programação televisiva; incluindo expressividades

³ www.telesurtv.net

regionais na forma de fazer TV, melhorando as técnicas e posturas de enunciação, abrindo significativamente a mídia para a entrada de culturas populares na sua programação. São mostra disso os programas *Causa Justa* com a militante/comunicadora Piedad Córdoba; *Agenda Abierta* com Lourdes Zuazo; *Realidades* com Milfred Baptista. Se bem a *TeleSUR* se define como a “*señal informativa de América Latina*”, sua programação de caráter jornalístico, e as outras produções, superam essa delimitação ao constituir-se em conjuntos culturais que ensinam, produzem conhecimento, suscitam reflexões, provocam fruições estéticas instigantes, subvertem os esquemas de interpretação do mundo (HOBSBAWM, 2011), oferecem fontes diversas de comunicação e inter-relacionam as realidades latino-americanas.

Cabe salientar o importante papel da *TeleSUR* na cobertura de eventos latino-americanos em direto, como foi o caso do *golpe de estado no Paraguai* transmitindo desde a sede do congresso o simulacro de júízo contra o presidente Fernando Lugo. América Latina e o mundo puderam assistir, já não só a “taça libertadores” ou a “eurocopa”, também acompanhar, testemunhar e aprender do “circo” montado pelas oligarquias do Paraguai, as transnacionais do agronegócio e os interesses do narcotráfico contra o processo de democratização do Paraguai. Esses produtos midiáticos são relevantes para analistas, pesquisadores da comunicação, juristas, historiadores, estudantes e cidadãos interessados, constituindo-se em um referente precioso de informação e conhecimento.

Aprecia-se, portanto, que o exercício da *cidadania comunicativa* se realiza nos processos produtivos dentro do complexo multimídia *TeleSUR* possibilitando que jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, programadores, editores, repórteres, comunicadores populares, artistas, esportistas e cidadãos participem dos processos de produção desse meio de comunicação regional. Além disso, percebe-se que esse modo de produção comunicativa estabelece nexos de reflexão, diálogo e produção de pensamento nos telespectadores, internautas e fruidores de sua programação. De fato, suscita-se e promove-se um agir comunicativo cidadão nos públicos dessa mídia, que possibilita apropriações inteligentes e críticas do mundo latino-americano.

A produção de comunicação alternativa, gerada por América Latina desde o século XX, teve outra frente importante no projeto *TAL – Televisión América Latina*⁴, um projeto construído por produtores audiovisuais e por empresários renovadores que buscam promover, divulgar, comunicar, compartilhar e dialogar sobre a *cultura latino-americana*; tanto nas suas expressões eruditas quanto nas populares, étnicas, cotidianas, subalternas e críticas. A *TAL* é um espaço multimídia que configura um encontro comunicativo valioso sobre a vida na região. Articula uma rede de distribuição e exibição de produtos audiovisuais: filmes, séries, documentários, etc. que mostram a riqueza e diversidade cultural de *Nossa América*. Tem como temas articuladores: *arte, comportamento, culinária, cultura, curtas, ecologia, educação, história, humor, literatura, música e dança, viagens*.

Na perspectiva da presente análise a *TAL* é um meio de comunicação digital transformador, de caráter público, dado que não pertence a nenhuma empresa de lucro ou a um governo. Experimenta outro modelo de gerar comunicação, facilitando a distribuição organizada de produtos audiovisuais artísticos, profissionais, aficionados, comunitários ou experimentais. Seu foco é a *Distribuição/Exposição* alternativa de produtos audiovisuais da América Latina (dois fatores críticos para a produção cultural independente), estruturando um portal que reúne qualidades técnicas digitais, que favorece a fruição do material audiovisual pelos *cidadãos/internautas*. Com efeito, qualquer pessoa que identifique, situe o receba o endereço digital da *TAL* tem oportunidade de *navegar/assistir* os produtos. Um recurso de especial significação para realização de *cidadania comunicativa* é “*copiar para clip board*”, que permite disponibilizar nos sites, portais, blogs e demais configurações digitais a utilização dos produtos audiovisuais expostos pela *TAL*. Quer dizer restringe a circulação privada e amplia o uso social dos materiais (LAGO, 2012).

⁴ A *TAL* é uma rede de intercâmbio e divulgação da produção audiovisual dos 20 países da América Latina. Uma instituição sem fins lucrativos, ela reúne hoje centenas de associados (link para associados) de toda a região. São canais públicos de TV, instituições culturais e educativas e produtores independentes, que compartilham seus programas – documentários, séries e curta-metragens – com o intermédio da *TAL*. Tudo isso de forma colaborativa e solidária. Além de uma ponte entre estes parceiros, a *TAL* é uma web TV, um banco de conteúdo audiovisual e uma produtora de vídeo. Tudo isso serve de suporte para o trabalho de aproximação entre os povos latino-americanos a que a *TAL* se propõe. A ideia dessa entidade é fazer com que, por meio da produção audiovisual local, os vizinhos da região se conheçam um pouco mais. Hoje, a *TAL* possui um acervo de mais de 7 mil programas. Tudo feito por profissionais latino-americanos (tal.tv/sobre-a-tal).

A ideologia da *propriedade privada* dos bens culturais é questionada mediante um compartilhamento público, temporário ou permanente, de produtos audiovisuais expressivos de *Nossa América*. As potencialidades educativas, libertárias, comunicativas, socializantes, subversivas e transformadoras do modelo são notáveis, e mostram um projeto concreto de *comunicação cidadã internacionalista* que favorece ao enriquecimento cultural, social e político da região. É uma *TV Multimídia* que trabalha as configurações digitais para constituir conhecimento estratégico para as mudanças (MALDONADO T, 2007; NICOLELIS, 2011; DARTON, 2010).

A *TAL – Televisión América Latina* quebra a ideia tradicional e mercantil de televisão, fortalecendo canais públicos, coletivos independentes, vizinhos que fruem a TV, instituições educativas e culturais. De fato, a TV passa a ter, nessa configuração, um caráter *multidimensional* e *multicontextual* próprio de processos de comunicação dialógicos, integrais e críticos. A diversidade de perspectivas, estilos, formatos, modelos e realizações expostas na *TAL* estimulam um exercício de cidadania comunicativa inventiva; dado que a arte, a experimentação, os arranjos comunicacionais são mostrados na sua riqueza de conjunto, rompendo a lógica de fragmentação da realidade característica das mídias tradicionais.

O modelo *TAL* comprova na sua estruturação concreta que é possível construir *meios de comunicação cidadãos* de ampla cobertura, que trabalhem como eixo central *Nossa América*. Não obstante as diferenças nacionais, locais, étnicas, religiosas, políticas e culturais; vão ser essas distinções, em confluência com aspectos comuns de nossa constituição e realidade, que fortaleçam a noção de uma *cidadania latino-americana cosmopolita* e gerem práticas socioculturais estruturadoras dessa alternativa vital.

TeleSUR e *TAL – Televisión América Latina* são duas possibilidades relevantes de constituição de meios de comunicação que fomentem uma *cidadania comunicativa transformadora*, muito além da matriz comercial de *usos e gratificações*, essas multimídias comprovam que *cidadania comunicativa* tem a ver com *participação criativa e decisiva* nos processo de comunicação (MALDONADO E., 2012; 2011).

Ampliações e adensamentos teóricos

Este texto tem o propósito teórico de colaborar no alargamento da noção de *cidadania* (CORTINA, 2005) redefinindo-a na sua dimensão comunicativa como uma alternativa de pensamento que supere as concepções dominantes (jurídico- políticas) relacionadas ao Estado/Nação. Para isso apresentamos uma contextualização que aponta questões decisivas da realidade latino-americana contemporânea, como é a passagem de uma situação de subserviência neocolonial para uma fase de estruturação de instituições multinacionais latino-americanas, que formulam suas principais estratégias de vida democrática e de reconstrução de mercados; como também, e em especial, para assinalar processos multinacionais de comunicação que impliquem a conjuntos de países em projetos de produção e/ou circulação comunicativa.

No âmbito midiático estruturou-se em décadas anteriores, principalmente a partir dos anos 1980, um mercado audiovisual latino-americano de telenovelas com centros importantes de produção no México, na Venezuela, no Brasil e na Argentina; se bem uma parte qualitativa, minoritária, dessa produção mostrou as várias Américas Latinas para os latino-americanos, na maioria dos casos constituiu um conjunto audiovisual de limitada competência técnica, estética e cultural. De fato os enredos, recortes, estratégias, edições, montagens, conteúdos e acabamentos fabricaram uma América Latina diminuída, mercantil, classista com forte presença das ideologias liberais e capitalistas. O valor investigativo dessa produção é importante, e, ao mesmo tempo, expressa o quanto ela enquadrar os gostos, hábitos, modelos e rotinas das pessoas numa perspectiva fragmentada, conservadora, não participativa e dependente.

Entre os vários problemas da produção televisiva comercial, de ampla circulação na região, está sua dependência da lógica do *consumismo alienante* que é um aspecto chave das limitações comunicativas. Nessas mídias o “eterno presente”, pequeno-burguês, se realiza em contínuas reiterações de conflitos que esquivam as causas centrais dos problemas, e *espectacularizam* as suas causas secundárias, suscitando um campo de efeitos de sentido redutor sobre a multiplicidade social e cultural da região e de seus cidadãos.

Outro problema comunicativo de essa produção comercial é que a fruição do tempo vital é afetada por condicionamentos repetitivos, de práticas culturais com pouca renovação, e expressivo conservadorismo. A lógica da constatação de situações, circunstâncias e inter-relações sobre a vida familiar, de trabalho, sexual e social, é cultuada como a única opção possível. Desse modo, as grandes redes midiáticas capitalistas na América Latina lucram dramatizando a violência, a pobreza, o ódio, a ternura, a vida e a morte dos seus habitantes.

Nenhum enredo produzido pelas indústrias midiáticas comete o erro estratégico, do ponto de vista empresarial, de apresentar outros mundos sociais sendo construídos; outras culturas sendo produzidas. O prazer e a submissão são configurados na repetição do que existe, na reiteração sistemática de modelos de comportamento, pensamento e relações. A experimentação é proibida quando atenta contra a ordem estabelecida. As personagens são construídas nos limites dos enquadramentos admitidos, nunca um núcleo ou conjunto de personagens pode fomentar a transformação social e cultural na perspectiva de sociedades de *bem viver*. O modelo capitalista (egocêntrico, individualista, explorador e devastador) é representado como a única saída possível para as sociedades de todas as culturas, em todos os tempos, se naturaliza o social, o político e o ideológico como se fosse produto do “destino”.

Para confrontar esse mundo midiático conservador é imprescindível uma práxis teórica estratégica transformadora, alternativa e subversora. Para isso, vamos centrar a reflexão sobre os conceitos de *movimentos sociocomunicativos* e *sujeitos comunicantes*, duas referências presentes no pensamento crítico em comunicação e que merecem nossa atenção para ir fortalecendo e lapidando sua argumentação. A ideia de *movimentos sociais* foi amadurecida nas três últimas décadas pela força e vigência histórica desses coletivos na conjuntura de crise do socialismo real e de fortalecimento do eixo monetarista neoliberal, em confluência com o enfraquecimento do modelo dos partidos políticos tradicionais das esquerdas, como também das suas formas sindicais.

A contribuição dos movimentos sociais às lutas pela cidadania, a democratização, o enfraquecimento do autoritarismo, a crítica ao imperialismo guerreador e genocida tem sido notável. A expressão de confluência mais significativa desse processo foi o *Foro Social Mundial*, que conseguiu aglutinar militantes de todos os continentes e posições críticas em um encontro mundial sem precedentes. O *FSM* concretizou as potencialidades de confluência crítica de múltiplas forças transformadoras, que vivem e trabalham na e pela construção de outros mundos sociais além do capitalismo. É gratificante constatar como esse exemplo tem continuidade em várias configurações críticas atuais como a *Cúpula dos povos Rio+20*, a *Cúpula dos povos Cartagena 2012* e os vários encontros alternativos aos mega eventos do poder mundial, que reúnem dezenas de milhares de militantes de causas ecológicas, sociais, DH, saúde, gênero, autogestão, etnias e filosofias alternativas. Todos eles são expressão de uma realidade maior de milhões de pessoas que estão insatisfeitas

com a atual ordem mundial, hegemônica pelos EUA, que fomenta estratégias de devastação do planeta e agressão constante às alteridades políticas, culturais e sociais.

Os conjuntos de cidadãos que se juntam de múltiplas formas para manifestar, pensar e denunciar a exclusão, a exploração, os massacres, o genocídio e a depredação, mostram que um significativo setor das sociedades latino-americanas, e mundiais, aprendeu o verdadeiro sentido do capitalismo (*civilização e barbárie*). Nessa realidade é crucial para nosso campo de pesquisa o fato de que um setor importante dentro desses movimentos, ou constituindo movimentos autônomos, trabalha o eixo central de ação e pensamento comunicativo. Esses conjuntos constituem uma realidade referencial estratégica para a pesquisa e o pensamento na área; dado que, vai ser em sua concretização que se apresentam processos, modos, formas, táticas, arranjos de objetos, técnicas, filosofemas, imaginários e pensamentos que expressam significativas realidades e potencialidades de estruturação de um mundo comunicacional livre, colaborativo, participativo, justo, democrático, fecundo, suscitador e ecológico. Esses conjuntos são o que nomeamos como *movimentos sociocomunicacionais*, que especializam suas lutas, trabalhos, investigações, estratégias e experimentos no campo comunicacional.

O *Manifesto pontoComunista* (MOGLEN, 2012) é um exemplo de como os pensamentos comunicativos, filosóficos e políticos confluem na perspectiva da construção de outra realidade sociocultural. Não é por acidente que esse manifesto insista na necessidade da *liberdade de criação*, no esclarecimento dos direitos dos criadores, na redefinição da posição dos proprietários e na abolição de todas as formas de propriedade privada sobre as ideias. Com efeito, como muito bem diagnostica Darton (2010) o modelo de propriedade intelectual do copyright é um anacronismo perverso, que teve uma origem louvável para proteger e financiar os produtores intelectuais e se transformou em um mecanismo concentrador de poder e lucro, castrador da inventividade e promovedor do burocratismo intelectual.

Na confrontação sociossimbólica e comunicativa contemporânea as pessoas e os cidadãos do mundo, e da América Latina, tem exercido um direito, de fato, de usufruto dos bens musicais, audiovisuais, fotográficos, artísticos e culturais que circulam na internet e nas suas sociedades. Nessas práticas situam-se coletivos que estabelecem hábitos, costumes, planos e rotinas de *recuperação simbólica* seja para fundar uma biblioteca, ou uma videoteca, ou uma discoteca, ou uma filmoteca (analógicas ou digitais) para compartilhar produtos culturais em comunicação com outros. É todo um campo instigante de indagação o

que estas configurações microsociais estabelecem, sua delimitação como *movimentos sociocomunicacionais* pode ser geradora de compreensões renovadoras.

Numa outra vertente, apresentam-se coletivos que optam pela produção cultural comunicativa como eixo central dos seus afazeres; não necessariamente trabalham uma temática específica (DH, gênero, etnia, fluxos, trabalho, etc.), de fato são multifocais, em geral atuam suscitados pelas necessidades imediatas de sobrevivências social e econômica; de todos os modos buscam produzir outra realidade comunicativa, distinta da comercial burguesa, organizando grupos de grafite, equipes de rádio comunitária, centros de produção audiovisual, associações culturais comunicativas de vizinhos, redes subterrâneas de comunicação digital. O fato é que a comunicação é central nas suas atividades e pensamentos, sendo que sua contribuição principal para as lutas é na dimensão comunicativa. É necessário, portanto, trabalhar tanto teórica quanto empiricamente para o fortalecimento desses processos. Um passo necessário é começar a problematizá-los, concebê-los e tratá-los em termos comunicacionais.

Os *movimentos sociocomunicativos*, que em diversas ocasiões imitam os modelos midiáticos vigentes, ou que, em outro sentido, expressam suas diversas culturas com força, renovação e crítica, teriam uma inter-relação produtiva de singular transformação atravessando as academias e acolhendo-as em suas vivências para fortalecer o conhecimento e as culturas críticas na sociedade. Longe do paternalismo, partidarismo, fundamentalismo populista, caudilhismo, autoritarismo e demais vícios; é necessário construir confluências de fecundidade entre os campos da pesquisa e o conhecimento, o ensino formal e os *movimentos sociocomunicacionais*. Promover experimentos mentais que contribuam para teorizações estratégicas fortes sobre o tema, que penetrem o tecido social desestabilizando o senso comum acadêmico e formalista, como também o mundo da vida cotidiana das pessoas produzindo múltiplas traduções de alternativas socioculturais é uma trilha que esses movimentos podem realizar com vigor.

Para complementar esses raciocínios retomamos a problematização da ideia de *sujeito comunicante* em termos sociais, cooperativos, colaborativos e subversores (MALDONADO, 2011; LAGO, 2012). Afirmamos que, de fato, dados os processos contemporâneos de mudança *tecnocomunicativa*, não é pertinente continuar pensando nos termos *mecânico funcionalistas* como *receptores* e *emissores* da comunicação. A complexidade transformou os meios, quebrando a exclusividade das grandes indústrias culturais na circulação internacional de mensagens; os sistemas midiáticos tradicionais, não

obstante toda a sua orientação para controlar as formas digitais de comunicação, tiveram que constatar a força multiplicadora dos recursos, tecnologias, culturas e alternativas digitais que desde 1994 e, principalmente, na última década, viu surgir ambientes de comunicação fora dos controles do lucro, a censura e o neocolonialismo cultural.

As novas condições de produção comunicativa, fortalecidas pela cultura libertária do *software livre* que dotou de uma base criativa tecnológica forte aos processos, configuraram milhares de meios de comunicação digital (blogs, sites, portais, redes, listas, etc.) que constituíram as *multimídias hipertextuais* atuais. Esses processos, ao contrário do que pensam os funcionalistas, não foram de simples *usuários* as pessoas começaram a experimentar como os símbolos de maneira diversa (exercício que só fazíamos os profissionais antes), gerando uma produção comunicativa múltipla que a pesquisa em comunicação ainda está em fase inicial de problematização. O fato é que os *sujeitos comunicantes* (seres históricos sociais em comunicação) enriqueceram suas possibilidades de inter-relação simbólica de modo intenso e abrangente, mudando suas cotidianidades, seus círculos sociais, suas habilidades de construção de signos e sua concepção do que é fazer comunicação.

Essa mudança encontra ainda a grandes majorias existindo nos parâmetros conservadores das culturas midiáticas hegemônica; mas, ao mesmo tempo, mostra uma potencialidade imensa de transformação social. O que interessa centralmente, para o propósito de este texto, é refletir sobre a transformação psicosemiótica que a nova realidade possibilita, ampliando a noção de comunicadores populares, que era restrita a determinados setores e cenários socioculturais; a atual alternativa democratizante coloca a pessoas de distintas classes, origens, regiões, culturas e posturas em relação: *comunicação*. Os *sujeitos comunicantes* expressam muito bem esses nexos, na sua potencialidade de penetração na psique dos participantes de maneira múltipla; abrangendo distintos aspectos de sua personalidade; desestabilizando parte de suas estruturas de inter-relação com o mundo; renovando sua atividade mental, abrindo territórios desconhecidos de produção simbólica; tornando possível o exercício da liberdade intelectual e cultural sem maiores investimentos econômicos ou de deslocamento físico.

No mundo em crise, e na América Latina dinâmica encontram-se contextos férteis para promoção de subjetividades distintas às subjugadas pelo capitalismo das mecanizações comportamentais. Os espíritos inventivos, construtivos, solidários, e transformadores tem na Idea de *sujeito comunicante* um alicerce instigante para sua reconstituição.

REFERÊNCIAS

- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.
- DARTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIGNES, John. **Os anos do condor**: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FRAGOSO, S.; MALDONADO, A.E. **A internet na América Latina**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: Sulina, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. **Como mudar o mundo**: Marx e o marxismo 1740-2011. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LAGO, Silvia (Comp.). **Ciberespacio y resistencias**: exploración en la era digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012.
- MALDONADO, A.E.; BARRETO, V.; LACERDA, J. (Orgs.). **Comunicação, educação, cidadania**: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa: Ed. UFPB; Natal: Ed. UFRN, 2011.
- MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Ed. UNIDAVI; Natal: Ed. UFRN, 2012.
- MALDONADO, Tomas. **Memoria y conocimiento**: sobre los destinos del saber en la perspectiva digital. Barcelona: Gedisa, 2007.
- MOGLEN, Eben. El manifiesto puntoComunista. In: LAGO, S. **Ciberespacio y resistencias**: exploración en la era digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012, p. 69-81.
- MATTELAR, Armand. **Un mundo vigilado**. Barcelona: Paidós, 2008.
- NICOLELIS, Miguel. **Muito além do nosso eu**: a nova neurociência que une cérebro e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- STRASSBURGER, Tabita. **América Latina e cidadania comunicativa**: as inter-relações entre sujeitos comunicantes e o portal TeleSUR. Dissertação de mestrado em ciências da comunicação.- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Unisinos, São Leopoldo, 2012.
- ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

